



**Brazilian Geographical Journal:  
Geosciences and Humanities research  
medium**



ARTICLES/ARTIGOS/ARTÍCULOS/ARTICLES

**A territorialização do capital no espaço agrário do Sudeste Goiano: formação de cidades do agronegócio?**

**Doutora Patrícia Francisca de Matos**

Laboratório de Geografia Humana/LAGHEN, Curso de Geografia, *Campus Pontal*, Universidade Federal de Uberlândia. Rua Vinte, 1.600, Tupã, CEP: 38304-402, Ituiutaba, Minas Gerais. **E-mail:** patriciafmatos@yahoo.com.br

ARTICLE HISTORY

**Received: 09 November 2012**

**Accepted: 22 December 2012**

**PALAVRAS-CHAVE:**

Agronegócio  
Modernização da agricultura  
Cerrado  
Espaço urbano

**RESUMO**

Nas áreas de Cerrado é possível identificar várias cidades em que a urbanização e a modernização de seu território se devem diretamente à expansão do agronegócio, " porque "vive" do agronegócio e para o agronegócio. Baseadas no desenvolvimento das atividades agrícolas e agroindustriais, muitas cidades, sobretudo, as médias e pequenas, têm fortalecido a dinâmica urbana e a expansão da urbanização. Também há cidades que "nasceram" a partir da inserção da agricultura moderna. No Sudeste Goiano, nos municípios onde houve a territorialização da agricultura moderna, também se deu a inserção de equipamentos, no espaço urbano, para atender as necessidades do agronegócio, no entanto, essas cidades não são considerados cidades do agronegócio.

**KEY-WORDS:**

Agribusiness  
Modernization of agriculture  
Cerrado  
Urban space

**ABSTRACT – A CAPITAL DOMINION DO NOT DO SUDESTE GOIANO AGRICULTURAL ESPAÇO: FORMAÇÃO OF SPEEDS DO AGRIBUSINESS.** In areas of Cerrado is possible to identify several cities where urbanization and modernization of its territory should be directly to the expansion of agribusiness, life "because" "of agribusiness and agro-industry. Based on the development of activities agricultural and agribusiness, many cities, especially the medium and small, have strengthened the dynamic urban development and expansion. cities there

were also "born" of the inclusion of modern agriculture. Goiano in Southeast, in cities where there had the territorialization of modern agriculture has also been inserting equipment, urban space, to meet the needs of agribusiness, however, these cities are not considered agribusiness cities.

---

**PALABRAS-CLAVE:**

Agronegocios  
La modernización de la agricultura  
Cerrado. Espacio urbano

**RESUMEN – LA TERRITORIALIZACIÓN DEL CAPITAL AGRARIO EN EL SUDESTE GOIANO: LA FORMACIÓN DE LAS CIUDADES DE LA AGROINDUSTRIA?** In areas of Cerrado is possible to identify several cities where urbanization and modernization of its territory should be directly to the expansion of agribusiness, life "because" "of agribusiness and agro-industry. Based on the development of activities agricultural and agribusiness, many cities, especially the medium and small, have strengthened the dynamic urban development and expansion. cities there were also "born" of the inclusion of modern agriculture. Goiano in Southeast, in cities where there had the territorialization of modern agriculture has also been inserting equipment, urban space, to meet the needs of agribusiness, however, these cities are not considered agribusiness cities.

---

**Introdução**

A territorialização do capital no espaço agrário brasileiro tem promovido metamorfoses tanto no campo quanto nas cidades. Analisar as modificações causadas no meio urbano em função das territorialidades das demandas do agronegócio, permitirá compreender as “cidades do agronegócio” e, conforme atesta Elias (2006), verificar se os municípios pesquisados inserem-se nessa categoria.

Com o processo de modernização da agricultura, a racionalidade produtiva do campo, de forma direta ou indireta, interfere nas relações sociais, econômicas e culturais das cidades, imprime, a intensificação da relação campo-cidade. A intensificação da relação campo-cidade ocorre de modo proeminente com a expansão do capitalismo, porém, a modernização da agricultura é um dos fatores que permitiu que o campo e a cidade têm outros significados além de terem se tornado cada vez mais dependentes.

Conforme Elias (2006), a modernização da agricultura, ao reestruturar o território, organiza um novo sistema urbano mais complexo, resultado da expansão da agricultura científica e do agronegócio, que têm o poder de impor especializações produtivas no território. Assim, as cidades que têm sua economia ligada diretamente ao agronegócio e que, por isso, sofreram/sofrem reestruturações tanto no campo quanto na cidade, são caracterizadas por Elias (2006) como “cidades do agronegócio”, pois se desenvolvem e dependem em graus diversos dessas atividades, cuja produção se dá de forma globalizada. A autora cita exemplos evidentes de cidades do agronegócio: Rio Verde (GO),

Sorriso, Primavera do Leste e Rondonópolis (MT), Matão e Bebedouro (SP), Luís Eduardo Magalhães (BA).

Nas cidades do agronegócio estão instaladas empresas fornecedoras de insumos químicos, revendedoras de máquinas e implementos, prestadores de serviços, agroindústrias, distribuição comercial, de eventos, de cursos técnicos ou mesmo superiores voltados para o setor agrícola, redes de supermercados, sistema financeiro. A consolidação dessas atividades, cada vez mais intensas, causa uma reestruturação espaço urbano, da relação campo-cidade e uma dinâmica econômica que possibilita confirmar essa cidade como “cidade do agronegócio,” porque “vive” *do* agronegócio e *para* o agronegócio.

Nas áreas de Cerrado é possível identificar várias cidades em que a urbanização e a modernização de seu território se devem diretamente à expansão do agronegócio. Baseadas no desenvolvimento das atividades agrícolas e agroindustriais, muitas cidades, sobretudo, as médias e pequenas, têm fortalecido a dinâmica urbana e a expansão da urbanização. Também há cidades que “nasceram” a partir da inserção da agricultura moderna.

No Sudeste Goiano, nos municípios onde houve a territorialização da agricultura moderna, também se deu a inserção de equipamentos, no espaço urbano, para atender as necessidades do agronegócio. Essas mudanças em maiores proporções em alguns municípios, podem ser visualizadas na paisagem urbana e no próprio cotidiano, elementos que expressam as territorialidades urbanas ligadas ao agronegócio. Assim, o presente trabalho objetiva mostrar as modificações no espaço urbano de alguns municípios do Sudeste que sofreram o processo de modernização da agricultura. No Sudeste Goiano, a territorialização do capital no processo produtivo não ocorreu de forma homogênea em todos os municípios. Territorializou-se de forma mais consolidada em Campo Alegre de Goiás, Catalão, Ipameri, Orizona, Silvânia e Vianópolis. A territorialização da agricultura moderna nesses municípios está associada, principalmente, à topografia plana e à abundância dos recursos hídricos, que possibilitaram uma (re)organização produtiva e as políticas públicas.

### **O agronegócio no Sudeste Goiano e as metamorfoses no espaço urbano**

Para compreender as tramas da agricultura moderna não são necessários apenas analisar produção em si e o uso de tecnologias, mas também todos elementos envolvidos nesse processo (os comércios de maquinários, de insumos, de fertilizantes, de assistência técnica, de a mão-de-obra especializada e a não especializada, enfim, todas as demandas para efetivar a produção e a circulação). Por isso, é importante reconhecer que o agronegócio tem o poder de (re)organizar as cidades conforme as necessidades dele, sejam essas cidades próximas ou distantes do campo modernizado.

Santos (1994, p. 50), afirma que  
à proporção que o campo se moderniza, requerendo  
máquinas, implementos, componentes, insumos  
materiais e intelectuais indispensáveis à produção, ao

crédito, à administração pública e privada, o mecanismo territorial da oferta e da demanda de bens e serviços tende a ser substancialmente diferente da fase precedente. Antes, o consumo gerado no campo, nas localidades propriamente rurais, e mesmo, nas cidades, era, sobretudo, um consumo consuntivo, tanto mais expressivo quanto maiores os excedentes disponíveis, estas sendo função da importância dos rendimentos e salários e, pelo contrário, tanto menos expressivo quanto maior a taxa de exploração, mais extensas as formas pré-capitalistas, mais significativos o coeficiente de auto-subsistência. Com a modernização agrícola, o consumo produtivo tende a se expandir e a representar uma parcela importante das trocas entre os lugares da produção agrícola e as localidades urbanas.

Nos municípios que têm ou estão próximos ao campo modernizado, as cidades tendem a se tornar especializadas em demandas dessa atividade e tendem a constituir territórios propícios para a instalação de agroindústrias e de *tradings*. Entretanto, a racionalidade produtiva do agronegócio, apesar de “exigir” que suas demandas de produção estejam próximas para facilitar a ampliação de lucros, depende de aparatos (de produção e circulação) de diferentes escalas, locais, regionais, nacionais e internacionais, constituindo, portanto, o que pode ser chamado de agronegócio globalizado, ou seja, uma cadeia produtiva estabelecida em redes, que exprime o aprofundamento da interdependência entre os agentes econômicos. O processo produtivo depende de uma série de agentes que podem estar próximos ou distantes dos espaços de produção. Normalmente, esses agentes pertencentes a uma rede nacional ou internacional do agronegócio territorializam-se em lugares “estratégicos” para sua reprodução, sobretudo, nos *fronts* agrícolas.

As demandas do agronegócio, por se territorializarem com mais intensidade em algumas cidades do Sudeste Goiano, fizeram com que estas passassem exercer influência regional como é o caso de Catalão. No município de Catalão, juntamente com a dinâmica da produção agrícola, manifestou-se o desenvolvimento de atividades comerciais e de serviços para atender o agronegócio de vários outros municípios do Sudeste Goiano. Assim, o domínio de Catalão vai desde o local até o regional. A cidade de Catalão é considerada um pólo econômico regional no comércio e na prestação de serviços, (saúde, sistema financeiro<sup>1</sup> e educação). Todos esses setores, de forma direta e indireta, atingem e são atingidos pelo agronegócio, seja para o processo produtivo ou para atender o

---

1

Em Catalão existem agências do Banco Itaú, do Bradesco, do HSBC, do Real, do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Em Campo Alegre de Goiás e em Orizona, há agências do Banco do Brasil e do Itaú. Em Ipameri, além destes, há a Caixa Econômica e Pires do Rio conta com agências do Banco do Brasil, da Caixa Econômica, do Itaú e do Bradesco.

consumo dos empresários rurais e trabalhadores. Especificamente no campo da agricultura, nessa cidade estão concentradas empresas de agrotóxicos e fertilizantes, equipamentos agrícolas e prestação de serviços relacionados ao aparato técnico-científico do agronegócio. Algumas empresas, principalmente de agrotóxicos e fertilizantes, participam do financiamento da produção dos empresários rurais por meio do parcelamento da compra dos produtos em até seis vezes, além de oferecer carência para pagamento de trinta dias ou mesmo pagamento apenas após a colheita. Parte ou o total da dívida podem serem negociadas para serem pagas em grãos. A soja é o grão mais utilizado como moeda.

As modificações causadas pelo agronegócio atingiram o espaço urbano de Catalão de forma efetiva e mais abrangente do que dos demais municípios pesquisados. O crescimento econômico atingido por esse município, após os anos 1970, tendo como base também a construção da Rodovia BR-050 que corta seu território e a implantação das mineradoras, proporcionou a ampliação da população e fluxo de pessoas, dinheiro e mercadorias, colocando Catalão em um nível de expansão superior a de outros municípios goianos. No que tange às territorialidades do agronegócio, não somente empresas e comércio para demanda local e regional foram consolidados nesse município, como também indústrias de fertilizantes, para atender todo o mercado nacional, como a Adubos Araguaia, a Bunge Fertilizante ADM e Aducat, e a indústria John Deere na fabricação de colheitadeiras.

Assim, na composição da paisagem urbana de Catalão, estão materializadas, de forma qualitativa e quantitativa, as demandas necessárias para a reprodução do agronegócio. Porém, Catalão não é uma cidade assentada no agronegócio tais como outras cidades goianas: Rio Verde, Jataí, Chapadão do Céu e outras.

Nos municípios de Campo Alegre de Goiás, Ipameri e Orizona, as cidades não passaram por grandes modificações no que se refere aos setores inerentes ao consumo produtivo, consumo associado às demandas da agricultura e também do consumo consumptivo, ligado às demandas dos produtores migrantes. No caso de Campo Alegre e Ipameri, uma das razões é a proximidade com a cidade de Catalão, 70 km e 50 km, respectivamente. Orizona dista de 50 km de Silvânia, que também é considerada uma cidade equipada para as demandas do agronegócio.

Em Campo Alegre de Goiás, as lojas que atendem, de forma direta, as demandas do agronegócio são poucos; em 2010 apenas duas lojas de defensivos agrícolas e fertilizantes sendo que uma é filial de uma loja instalada em Catalão. No ramo de máquinas, geralmente, as empresas rurais possuem oficinas com mecânicos especializados em equipamentos agrícolas, por isso, em Campo Alegre de Goiás, nas lojas de conserto e venda de peças, as peças de reposição são mais procuradas. Para diversificar os serviços, as oficinas mecânicas de máquinas agrícolas também fazem consertos de automóveis. No geral, o comércio desta cidade, voltado para o agronegócio, atende a necessidades menos complexas, de pouco investimento financeiro. Nesse sentido, Santos (2006) diz que a modernização agrícola, cuja regulação se faz no meio urbano, proporciona também, nas pequenas cidades, a estruturação de serviços e comércios específicos

para essa atividade produtiva, ainda que sejam ligados somente às necessidades primárias ou básicas.

Melo (2008) afirma que o município de Campo Alegre de Goiás, em suas estruturas econômicas e espaciais, estão se adaptando e desenvolvendo novos conteúdos, à medida que se amplia a demanda por produtos, serviços e condições logísticas para a produção agroindustrial. A materialização dessas mudanças pode ser observada na paisagem da cidade, que comprova a territorialidade de algumas das condições gerais de reprodução do capital das empresas rurais, portanto, do agronegócio.

Em Ipameri, observa-se que o espaço urbano denuncia a pouca interferência das demandas diretas do agronegócio, se comparar esse espaço com a produção de grãos. No setor de insumos e fertilizantes, apenas estão territorializados duas empresas; em termos de planejamento e assistência técnica, a cidade conta com dois escritórios. Porém, é importante destacar que a cidade foi palco da territorialização de empresas importantes na comercialização e beneficiamento de grãos, dentre elas a Carol e a Caramuru.

As territorialidades decorrentes da modernização da agricultura no espaço urbano de Orizona são os escritórios de representação de insumos e fertilizantes, as lojas de assistência técnica e de vendas de sementes. Porém, mesmo contando com essas empresas, a situação de Orizona é semelhante à de Ipameri e de Campo Alegre de Goiás, uma vez que a cidade não tem um comércio suficiente para atender as demandas do campo moderno. É necessário, portanto, recorrer a Silvânia, Anápolis, Goiânia ou Catalão, principalmente em relação a maquinários. Na paisagem da cidade, não é possível ver que, naquele município, há o desenvolvimento da agricultura moderna com a produção de grãos, devido ao fato de a cidade ser pouco equipada em relação a outras cidades goianas que passaram pelo processo de modernização do campo. Já em relação à pecuária, a paisagem da cidade identifica-se essa atividade em virtude das inúmeras lojas desse setor, dos laticínios, da movimentação da cidade, em especial nas lojas, nos bancos e nas ruas, no dia em que os laticínios efetuam o pagamento dos produtores de leite.

Não diferente de outros municípios atingidos pela territorialização da agricultura moderna, Campo Alegre de Goiás, Catalão, Ipameri e Orizona, passaram por novos conteúdos na relação campo-cidade. Seguramente, há cidades em que a modernização da agricultura afeta mais intensamente o meio urbano em virtude de fatores geográficos como a distância em relação a cidades com potencial econômico maior, políticos (favorecimento de inserção de atividades econômicas como agroindústrias capazes de modificar o conteúdo urbano) e econômicos (cidades que já possuem outras atividades econômicas que contribuem de forma significativa para o seu crescimento). Por isso, nem sempre as cidades mais próximas ao campo modernizado apresentam suas estruturas urbanas alteradas. Nesse sentido, Santos (2004, p. 334) que faz a seguinte consideração:

[...] essa modernização dos campos acompanha-se quase sempre de um curto-circuito das pequenas cidades, que é reforçado pela tendência do circuito superior de se concentrar. A modernização agrícola supõe um aparelho comercial, administrativo e bancário de que as pequenas

idades, e muitas vezes as cidades médias, não podem dispor. As grandes cidades abarcam o essencial das trocas com as regiões rurais em crescimento e as outras aglomerações da rede só deixam responsabilidade e lucros mínimos. O papel das pequenas cidades torna-se cada vez mais o de redistribuição, e cada vez menos, o papel de coleta.

A validade da afirmação do autor supracitado insere-se na realidade dos municípios de Campo Alegre de Goiás, Ipameri e Orizona que, mesmo tendo um certo comércio ligado, direta ou indiretamente, às atividades agrícolas (lojas de insumos, maquinários, bancos etc), não se desenvolveram como a cidade de Catalão. Com isso, não ampliou-se a oferta de empregos e nem, conseqüentemente consumo nessas cidades. Em Campo Alegre, por exemplo, os empregos para a população estão restritos aos empregos rurais do setor agropecuário, ao comércio local e aos cargos públicos. Mas, na agricultura empresarial, à oferta de empregos especializados e permanentes é reduzida em virtude da mecanização. A demanda do trabalho temporário é maior, em função de alguns cultivos do município que necessitam do trabalhador para a colheita, como é o caso do café e dos hortifrutigranjeiros. No entanto, é necessário ressaltar que mesmo o cultivo podendo ser todo mecanizado, ainda há utilização do trabalhador no período da colheita como ocorrem com a cana-de-açúcar. É no trabalho temporário que se encontram as formas mais precarizadas, com falta de transporte adequado equipamentos de segurança, alojamentos sem higiene necessária, entre outros.

A racionalidade produtiva do agronegócio não apenas interfere na vida econômica e social do espaço urbano, como também na dinâmica do crescimento populacional, refletindo diretamente na distribuição espacial. Geralmente há redução da população rural, haja vista que o processo exclui produtores camponeses e trabalhadores. Essa exclusão ocorre com menos intensidade em alguns lugares em função da história política e social, das resistências e das disputas territoriais.

No gráfico 1, é possível verificar que os municípios do Sudeste Goiano seguem a tendência nacional de aumento das taxas de urbanização. Os dados de 1980 mostram que, naquele ano, Campo Alegre de Goiás e Orizona permaneciam com sua população rural superior à urbana. Já o gráfico 2 mostra situação contrária, isto é, população urbana superior à rural. No município de Orizona, desde sua formação, a população rural prevaleceu sobre a urbana. Essa realidade, quase única em Goiás, modificou-se na contagem do IBGE de 2007, quando a população urbana ultrapassou a rural em cerca de 960 pessoas. Pelos dados do gráfico 18, em 1980, a população rural de Orizona era quase o dobro da urbana. Nos anos subseqüentes, a população urbana sofre aumento, até chegar no ano de 2000 com 6.382 pessoas vivendo no espaço urbano e 6.685 residindo no meio rural. Em 2007, a população rural perde o predomínio para a população urbana (Gráfico 2).

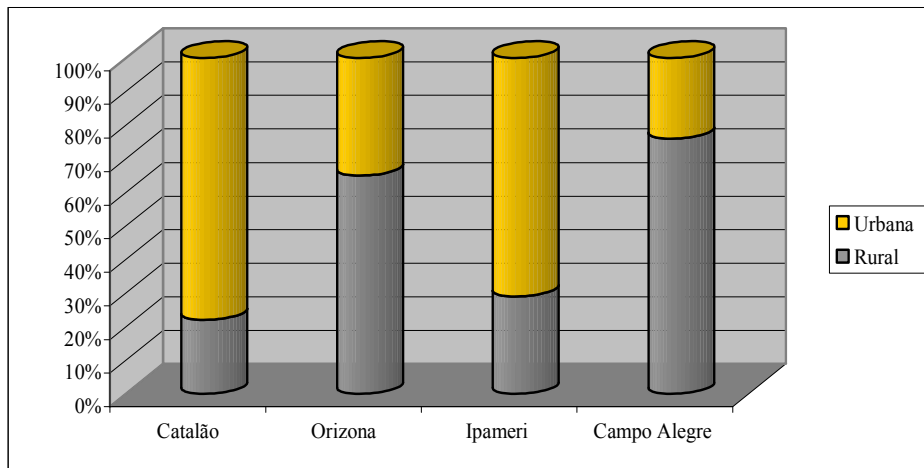


Gráfico 1- Catalão, Orizona, Ipameri e Campo Alegre de Goiás: população rural e urbana em 1980 (%)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980.  
Org.: MATOS, P. F., 2011.

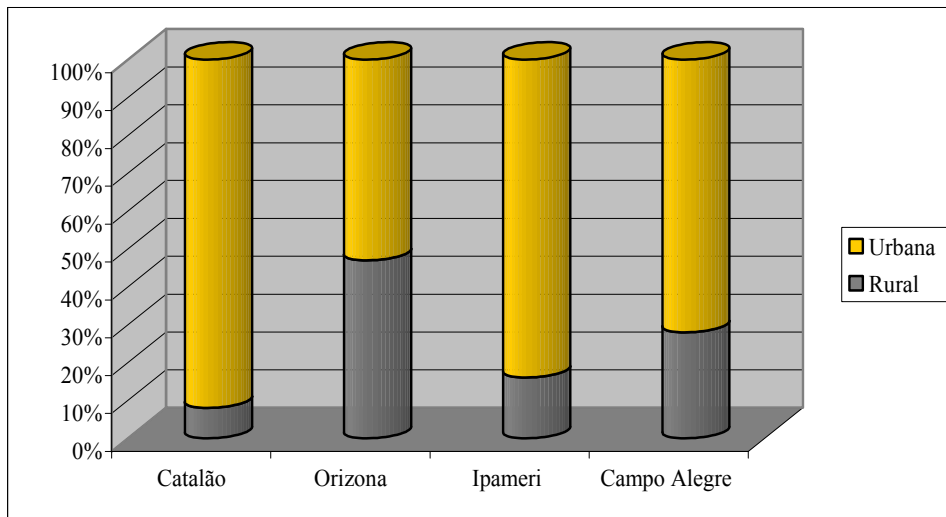


Gráfico 2-Catalão, Orizona, Ipameri e Campo Alegre de Goiás: população rural e urbana em 2007 (%)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1980.  
Org.: MATOS, P. F., 2011.

Quanto ao crescimento da população em geral, os dados do gráfico 3 mostram que em Ipameri, Orizona e Campo Alegre de Goiás, o aumento da população foi pouco expressivo nos anos analisados, situação oposta à de Catalão. Neste município, de 1980 a 2007, a população quase dobrou, passando de 39.172 para 75.623 habitantes.



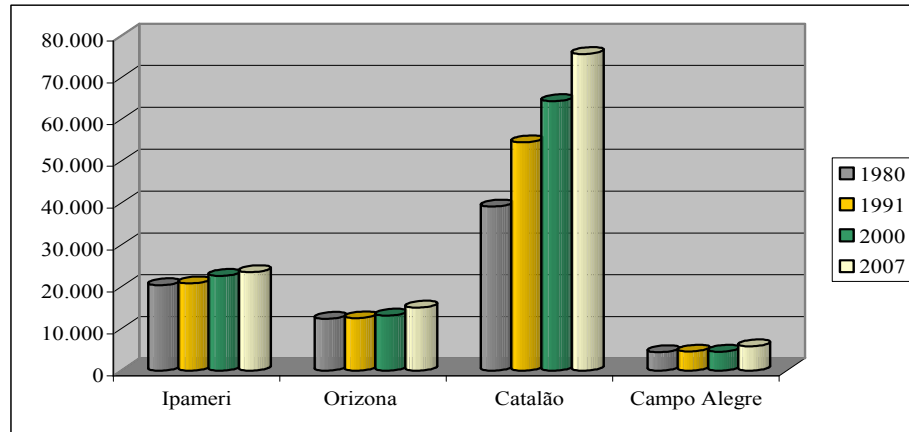


Gráfico 3- Catalão, Orizona, Ipameri e Campo Alegre de Goiás: evolução da população, 1980 - 2007.

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1980 e 1991 e estimativa populacional de 2000 e de 2007.

Org.: MATOS, P. F., 2011.

Campo Alegre de Goiás é um município relativamente novo. Foi emancipado em 1953. Até então era distrito de Ipameri. É o município mais jovem dos municípios pesquisados e também o menos populoso. Em 2007, a população era constituída, conforme dados do IBGE, por um total de 5.767 habitantes. O crescimento populacional foi lento em relação a outros municípios do Sudeste Goiano em virtude, principalmente, das condições econômicas. Na década de 1950, o município contava com 4.497 pessoas, sendo que apenas 312 residiam no núcleo urbano. Nos anos 1960, o município obteve crescimento de, aproximadamente, 10% de sua população. Todavia, nos anos de 1970 o município perdeu 10% do total de habitantes, permanecendo com 4.457. Esse total sofreu ainda um decréscimo nos anos 1980. Somente a partir de 1991 que se observa um pequeno crescimento. Mas, verifica-se uma redução da população rural em detrimento da urbana, principalmente a partir de 1996.

Todavia, não foi um fenômeno que impulsionou o crescimento populacional do município. Um dos motivos para explicar esse fato é que os produtores migrantes, isto é, os empresários rurais optam por residir na cidade de Catalão (distante a 70 km) ou na cidade de Cristalina (distante a 110 km) por serem cidades maiores e com mais infraestrutura urbana. Há casos em que os empresários rurais paulistas ainda residem em suas cidades de origem, vindo, quinzenalmente, em suas empresas. Muitos desses empresários também possuem propriedades em outros estados e, além da atividade agropecuária, atuam em outros setores da economia. Os trabalhadores especializados das empresas rurais como administradores, agrônomos, técnicos agrícolas, mesmo de outros estados, também optam por morar em Catalão, conforme relata um administrador de uma empresa rural de Campo Alegre de Goiás:

*Eu fico durante toda a semana na fazenda e aos finais de semana retorno para Catalão, porque mesmo sendo uma cidade pequena, tem mais opções de lazer, bons restaurantes, colégios para os filhos estudar, escola de inglês, enfim, tem mais oportunidades e tá ficando cada vez melhor<sup>2</sup>.*

Sobre isso, relata a atual prefeita da cidade<sup>3</sup>:

*Naturalmente os produtores escolheram as cidades vizinhas maiores para residir com suas famílias, devido as infraestruturas que essas cidades oferecem. Usam pouca a cidade, mas não deixa de ter sua importância. Também não vieram para a cidade grandes indústrias, lojas para atrair pessoas de outros lugares.*

Além de produtores e trabalhadores optarem por residir na cidade de Catalão, há casos de empresas rurais cujos escritórios administrativos estão instalados na cidade de Catalão. Ipameri foi um dos municípios mais populosos do Sudeste Goiano nas primeiras três décadas do século XX. Após esse período, com a estagnação econômica, perdeu população, registrando, entre 1940 e 1960, decréscimo de cerca de 30%. Nas duas décadas seguidas, a população mantém-se estagnada ou com aumento pouco significativo. Em 2000, o índice de população desse município registrou crescimento expressivo, porém, ainda sem alcançar o apogeu dos anos 1940, cuja população atingira, aproximadamente, 25.000 pessoas. Esses dados demonstram que a expansão do agronegócio não proporcionou o crescimento da população. Todavia, seguramente contribuiu para o êxodo rural no município, que apresentou diminuição de sua população rural de forma veemente após a territorialização da agricultura moderna.

No município de Ipameri, o anseio pelo retorno do desenvolvimento, tendo como pilar o agronegócio, gerou efeitos sociais, espaciais e ambientais, mas não surtiu o crescimento almejado na cidade, na economia e na sua população. A liderança regional de Ipameri nos primórdios do século XX foi “transferida” para a cidade de Catalão que no Sudeste Goiano apresenta maior população, mais indústrias, serviços e produção de grãos e no contexto estadual é um dos municípios de economia mais monetarizada. Na agropecuária, não liderou apenas na produção de grãos, mas também concentra outras importantes empresas do agronegócio, fortalecendo os fluxos de capital da atividade agrícola. Geralmente, as empresas instalam-se em locais estratégicos para receber matéria-prima e distribuir seus produtos para outros lugares. No caso de Catalão, a presença da rodovia federal BR-050, que liga São Paulo a Brasília em seu território é um ponto benéfico.

---

<sup>2</sup> Técnico agrícola, oriundo de São Paulo. Entrevista realizada em agosto de 2009.

<sup>3</sup> Maria Aparecida Siqueira, Prefeita de Campo Alegre de Goiás na gestão 2009-2012. Entrevista realizada em junho de 2009.

As indústrias também instalam-se em lugares que lhes oferecem condições vantajosas de infraestrutura e benefícios fiscais, característica da industrialização das últimas décadas, o que gera disputas e concorrências entre os lugares. Na atividade agropecuária, além dos fatores mencionados, as agroindústrias ainda requerem lugares com “vocação” econômica para essas atividades, o que torna ainda mais viável a monopoliza o do território.

A “voca o” econômica de Ipameri para o agronegócio tem sido propagada por autoridades locais e estaduais, com o intuito de expandir ainda mais essa atividade no município. A oes dos governos municipal e estadual se solidificam na constru o e amplia o da infraestrutura para atender às demandas do agronegócio, na disputa com outros municípios goianos pela territorializa o de agroindústrias; na instala o de um pólo<sup>4</sup> universitário com curso superior de agronomia, entre outras a oes, enfim, aparatos para a dinamiza o do agronegócio. Além disso, os empresários rurais têm também criam eventos para divulgar o agronegócio no município e na região, como   o caso da festa da cana-de-a u ar. Essa festa   realizada na empresa rural Lasa Lago Azul a cada final de safra, com o intuito de divulgar o cultivo. Os “dias de campo,” promovidos por empresas rurais ou empresas distribuidoras de insumos agrícolas são caracterizados pela oferta de comidas típicas do Sul do Brasil, como o churrasco, têm o objetivo de divulgar o agronegócio.

Os eventos e festas relacionados ao agronegócio acontecem em todos os municípios pesquisados para divulgá-lo, comemorar as boas safras. Alguns se destacam pela espetaculariza o, como   o caso do *Rally* da Soja. Apesar de ter o nome *Rally*, o evento não   uma competi o automobilística cronometrada, tampouco tem o objetivo de testar pilotos. Comumente,   um evento organizado por empresas de representa o de defensivos agrícola com a finalidade de fazer monitoramento das lavouras, tendo a participa o de agr nomos, empresários rurais e técnicos agrícolas, entre outros.

Destarte,   característica do agronegócio a realiza o de feiras, exposi oes para fazer divulga o e comercializa o de inova oes técnico-produtivas. Seja de alcance local, regional ou nacional, esses eventos, enquanto parte da cadeia agronegócio, expõem produtos para atender às demandas da agricultura modernizada, apresentando o que há de mais moderno no mercado para o processo produtivo, desde maquinários até a oferta de serviços e conhecimento<sup>5</sup>.

No período técnico-científico-informacional, rela oes de produ o no espaço agrário integram-se   dinâmica industrial com novas formas de produ o e, conseqüentemente, geram novas formas de consumo movidas pela lógica do metabolismo social do capital.

Cria-se, praticamente, um mundo rural sem mistério, onde cada gesto e cada resultado deve ser previsto de

---

<sup>4</sup> Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Ipameri. Nessa unidade, além do curso de agronomia há o curso de engenharia florestal.

<sup>5</sup> Nas exposi oes agropecuária dos municípios pesquisados, observou-se maior influência dos empresários rurais na cidade de Campo Alegre de Goiás.

modo a assegurar a maior produtividade e a maior rentabilidade possível. Plantas e animais já não são herdadas das gerações anteriores, mas são criaturas da biotecnologia; as técnicas a serviço da produção, da armazenagem, do transporte, da transformação dos produtos e de sua distribuição. (SANTOS, 2006, p 304.)

Assim, a modernização agrícola, enquanto parte da reestruturação produtiva do capital no espaço agrário nacional e no processo de organização do território, carrega em seu bojo as formas de reprodução das relações sociais do modo de produção capitalista. Nas territorialidades da agricultura moderna se pode constatar com veemência a lógica (re)produtiva do capital nos lugares e nos territórios.

No meio urbano, as territorialidades para a reprodução do agronegócio, seja de forma material ou imaterial, têm cooperado para provocar alterações na divisão do trabalho, na ampliação do setor de serviços, na lógica espacial, na urbanização, nas relações sociais e culturais e na economia.

Em relação ao papel que o agronegócio exerce na economia dos municípios do Sudeste Goiano, observa-se que muitos municípios têm o agronegócio como a principal atividade econômica. No caso de Catalão, mesmo este município constituindo-se um importante produtor de grãos para Goiás em função da quantidade, de sua produção, a cidade não tem o agronegócio como principal atividade, sua economia está assentada, principalmente, nos segmentos minero-metal-mecânico, com a instalação de empresas mineradoras no final dos anos de 1970, com a territorialização de indústrias automobilísticas na década de 1990 (a John Deere, na fabricação de colheitadeiras e a Mitsubishi, na produção de veículos Pajero TR4 Flex, Pajero Sport e a pick-up L 200 nas versões Triton, Sport e GL). A territorialização das indústrias automobilísticas e das mineradoras implicou o aumento de arrecadação advinda desse setor. No ano de 2004 conforme dados da SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE GOIAS (SEPLAN) o setor industrial participou com 43%, da arrecadação de ICMS do município de Catalão, seguido do comércio atacadista com 23% e da produção agropecuária com 22%. Indubitavelmente, a diversidade de atividades econômicas constitui uma das características que diferenciam Catalão dos demais municípios do Sudeste Goiano.

Diferentemente de Catalão, em Campo Alegre de Goiás, as atividades agropecuárias lideram a economia do município, conforme os dados de arrecadação de ICMS. De acordo com os dados de 2004, a produção agropecuária contribui com 60% do total arrecadado. Secundariamente, a indústria com 19%. As indústrias existentes no território de Campo Alegre são ligadas ao setor da agropecuária, como a Algodoeira Califórnia, no beneficiamento de algodão e a Agromen, na produção de sementes de soja, feijão e milho.

No município de Ipameri, as atividades agrícolas também representam uma atividade importante de sua economia, refletindo-se, diretamente no arranjo do seu PIB. No que tange à arrecadação de ICMS, apresenta a importância da produção agropecuária que representou em 2004, 28% da arrecadação. Além dessa atividade, destacam-se o comércio atacadista e a produção industrial. As

maiores indústrias instaladas no município de Ipameri são ancoradas na atividade agrícola, como: Algodoeira Califórnia, no beneficiamento de algodão; Brasil Verde, empresa de reflorestamento e produção de madeira; Usina Lasa Lago Azul, atua no segmento de produção de álcool e beneficiamento de soja; Caramuru Alimentos, que opera no recebimento de grãos, destinando-os ao mercado interno e externo.

Em Orizona, as atividades agropecuárias, juntamente com a atividade industrial, são significativas na economia do município. A atividade industrial participou na geração de ICMS foi de 49%, em 2004. Praticamente, a metade da arrecadação é oriunda desse setor. No entanto, é importante considerar que as indústrias existentes no município estão ligadas à produção agropecuária: dois laticínios, no beneficiamento do leite; uma indústria de beneficiamento de hortifrutigranjeiros e uma de sementes.

O agronegócio constitui um dos elementos responsáveis pelo (re)dimensionamento da estrutura produtiva do Sudeste Goiano, após os anos 1980, e, conseqüentemente, pela nova dinâmica da relação campo-cidade. Porém, nenhum dos municípios pesquisados pode ser caracterizado como cidades do agronegócio: Catalão possui outros setores que movimentam os fluxos da economia com maior intensidade; Orizona não tem sua vida econômica e social no ritmo e de acordo com as exigências da produção da agricultura moderna; Campo Alegre e Ipameri, apesar de terem a economia voltada para a produção de grãos, não constituem cidades movimentadas conforme a racionalidade produtiva do agronegócio.

Alguns elementos como: número de empregos diretos e indiretos; geração ICMS; serviços especializados e hegemonia política dos empresários rurais são essenciais para se considerar uma cidade como sendo do agronegócio. Além disso, é preciso considerar a produção do agronegócio em rede.

O avanço das redes tanto materiais quanto imateriais, gera novos usos do território para a produção, permitindo não apenas a circulação de mercadorias, mas também a fluidez de informações e dados. Para Raffestin (1993), um dos trunfos do poder econômico atual é a utilização das tecnologias de informação. Um exemplo disso é o sojicultor que do Cerrado, por meio da *internet*, pode averiguar a cotação da soja nas principais bolsas de valores. Santos (2006) assevera que a informação constitui um instrumento das relações de produção e das relações sociais do período técnico-científico-informacional. Nessa perspectiva, a rede técnica é evocada como uma necessidade desse período, gerando uma materialidade técnica no território nunca vista em outros tempos. Sobre o movimento e a fluidez no território, Haesbaert (2006, p. 281) considera que

se o território hoje, mais do que nunca, é também movimento, ritmo, fluxo, rede, não se trata de um movimento qualquer, ou de um movimento de feições meramente funcionais: ele é também um movimento dotado de significado, de expressividade, isto é, que tem um significado determinado para quem o constrói e/ou para quem dele usufrui.

As redes são implantadas com o intuito de articular setores diversos da economia para os agentes do capital. Desde que exista a circulação de bens materiais e imateriais, as redes se formam. Esses aparatos promovem a não homogeneidade de fluidez do território. Há, portanto, lugares que possuem maior dinamicidade de fluxos e movimento que outros, assim como ocorre uma modernização do território desigual. A territorialização das redes é um dos fatores de modernização do território. Assim, é importante destacar que o Estado não é o único que constrói as redes. O setor privado atua, de acordo com seus interesses, na construção de redes de transporte, de energia e de telecomunicações. A privatização de redes técnicas, ou como refere-se Santos e Silveira (2008) a privatização do território, constituiu uma das características das mudanças econômicas ocorridas na estrutura do Estado brasileiro nos últimos trinta anos.

Sejam privadas ou públicas para constituição das redes, criam-se fixos destinados a favorecer os fluxos e a fluidez no território. Para melhorar a fluidez, os fixos construídos são cada vez mais dotados de sofisticação técnica, possibilitando a circulação em tempo mais rápido, permitindo a ligação entre os territórios, assim como a troca de bens materiais e imateriais.

Animados por fluxos, que dominam o seu imaginário, as redes não prescindem de fixos – que constituem suas bases técnicas – mesmo quando esses fixos são pontos. Assim, as redes são estáveis e, ao mesmo tempo, dinâmicas. Fixos e fluxos são intercorrentes, interdependentes. Ativas e não passivas, as redes não têm em si mesmas seu princípio dinâmico, que é o movimento social. (SANTOS, 2006, p. 277).

O movimento de fluidez inclui tanto localidades próximas quanto distantes, reduz o tempo, encurta distâncias e amplia espaços de domínio econômicos e políticos. No agronegócio, por exemplo, a ampliação de espaços de domínio é constante, tendo como um dos elementos, para tanto, os investimentos públicos e privados em sistemas de engenharias em todos os modais de transporte que permitem a fluidez da produção. Em muitos casos, não apenas no agronegócio, mas também em outras atividades, a exigência das empresas de construção de infraestrutura de circulação antecede a sua fixação ao lugar, pois de acordo com as afirmações de Santos (2006), não basta apenas produzir, é necessário colocar a produção em movimento.

Dias (2007) defende a idéia de que a rede como qualquer invenção humana, é uma construção social, em que grupos, instituições, indivíduos ou empresas desenvolvem estratégias de ordem política, social e econômica e se organizam em rede. A organização em redes é configurada tanto por formas quanto por normas. Nesse sentido, Santos (2006) afirma que a fluidez não é uma categoria técnica, mas, uma entidade sócio-técnica.

Ela não alcançaria as consequências atuais, se, ao lado das inovações técnicas, não estivessem operando novas normas de ação, a começar paradoxalmente, pela

chamada desregulação. A economia contemporânea não funciona sem um sistema de normas, adequadas aos novos sistemas de objetos e aos novos sistemas de ações, e destinados a provê-los de um funcionamento mais preciso. (SANTOS, 2006, p. 275).

Reconhecendo a importância das redes para o uso do território, Silveira (2007) argumenta que as redes devem ser entendidas como uma forma de organização espacial que expressa, simultaneamente, a condição e o resultado de uma racionalidade técnica, econômica, informacional e normativa, assim como resultado da dinâmica social e política. Assim, as redes, por si só, não explicam a reestruturação da dinâmica econômica e da organização do território. É necessário considerar as ações sociais estabelecidas *nas* e *pelos* redes. É por meio dessas ações que se percebe o domínio e a influência nas redes do Estado ou de agentes privados. Por isso, a concepção de rede não pode ser dissociada da concepção de poder, pois conforme argumenta Santos (2006), a existência das redes é inseparável da existência do poder. Para Raffestin (1993) as redes não são apenas a exibição do poder, mas, são feitas à imagem do poder, conforme o autor, Esses sistemas de tessituras, de nós e de redes organizadas hierarquicamente permitem assegurar o controle sobre aquilo que pode ser distribuído, alocado e/ou possuído. Permitem ainda impor e manter uma ou várias ordens. Enfim, permitem realizar a integração e a coesão dos territórios. Esses sistemas constituem o invólucro no qual se originam as relações de poder. (RAFFESTIN, 1993, p. 151).

O interesse de grandes atores econômicos do agronegócio, como o do Grupo Maggi, por exemplo, pela construção de infra-estruturas viáveis para o fluxo do processo produtivo de grãos na região Centro-Oeste e Norte do país promove relações de poder sobre esses fluxos e a própria fluidez de grãos *dessas* e *nessas* regiões. Haesbaert (2006) diz que a própria rede pode tornar-se um território.

A organização da produção em rede faz parte das características da agricultura moderna e, portanto, do agronegócio. As redes como parte da estrutura produtiva do agronegócio podem ser visualizadas nos espaços de territorialização da agricultura moderna. Observando-se o agronegócio no Sudeste Goiano, percebe-se a conexão da produção tanto nos níveis regional e nacional como no internacional. A Cargill, por exemplo, possui um escritório para aquisição de grãos na cidade de Catalão; compra grãos deste e de outros municípios do Sudeste Goiano. Os grãos adquiridos são enviados para a cidade de Uberlândia-MG para serem processados ou exportados. A organização da produção em rede também é observada nas empresas rurais, nas agroindústrias, enfim, nos segmentos do agronegócio.

Assim, o conceito de cidade do agronegócio não se aplica a todos os municípios que têm o agronegócio como a principal atividade econômica ou como uma das

principais. E necessário, portanto, ter cuidado na aplicação de conceitos, pois, nem sempre conceitos formulados podem abranger múltiplas realidades.

### **Considerações Finais**

As mudanças decorrentes do agronegócio não ocorrem apenas no campo. A cidade também sofre as interferências para atender esse modelo de produção, como lojas de maquinários, agrotóxicos, fertilizantes, agroindústrias e o comércio, que é afetado de forma indireta como com revenda de automóveis, pneus, etc.. E na cidade se instalam profissionais como agrônomos e técnicos agrícolas. Também a educação formal modifica-se, aparecem cursos técnicos e superiores voltados para o sistema produtivo do agronegócio, como os cursos de Agronomia na UEG de Ipameri, Agronomia, Engenharia Agrícola, Gestão Ambiental - Tecnólogo e Técnico Agropecuário no Instituto Federal Goiano (CEFET) localizado na cidade de Urutaí.

Destaca-se também a territorialização no Sudeste Goiano de empresas de capital nacional e internacional no processamento e compra de grãos: Carol; Caramuru e Cargill, territorializadas nos municípios de Campo Alegre de Goiás, Catalão e Ipameri que estabeleceram novos usos do território e novas dinâmicas de produção em rede.

Outro aspecto a ser considerado são as relações de poder, o controle que os empresários rurais passam a ter nos territórios das chapadas, principalmente, com a produção, e as técnicas agrícolas, em relação às outras áreas dos municípios. Somam-se a isso as relações de poder estabelecidas na política e, em alguns casos, na identidade cultural da cidade, por exemplo, com realização de festas típicas de suas regiões, como o “Baile do Gaúcho”.

As mudanças no espaço urbano foram maiores na cidade de Catalão. Nesta foram territorializados comércios para atender, além do agronegócio de Catalão, e de municípios vizinhos como Campo Alegre de Goiás e Ipameri, comprovando que Catalão é o polo na microrregião de Catalão. Em virtude dos serviços presentes em Catalão, em saúde, educação comércio, bancos, lazer, reforça-se a sua posição como pólo regional. Muitas grandes empresas, comércios ligados ao agronegócio estão sediados em Catalão, por meio de filiais. Também, destacam-se nessa cidade fábricas de adubos que produzem para atender o local, a região e o país. Recentemente ocorreu a instalação de uma empresa de capital estrangeiro, a Pioneer DuPont Sementes. A arrecadação e os empregos do comércio do setor do agronegócio, tanto em Catalão, quanto nos demais municípios pesquisados, não foram abordados nesta tese, podendo ser, aprofundados em estudos futuros.

Diferentemente de Catalão, em Campo Alegre de Goiás, em Ipameri e em Orizona, o espaço urbano não sofreu grandes transformações com a territorialização do agronegócio. No entanto, é preciso considerar que, mesmo em grau menor, essas cidades sofreram as modificações, visíveis na paisagem urbana. Em Pires do Rio, o espaço rural, principalmente às margens da rodovia GO 330, denuncia a agroindústria de aves, pois de longe se avistam os telhados das granjas em meio à pouca vegetação que sobrou do Cerrado. A cidade também mostra essa atividade, pois existe nela empresas e comércios de produtos específicos. Porém, como foi firmado no quinto capítulo, o sistema produtivo do agronegócio funciona em rede, por isso nem todas as demandas estão territorializadas



próximos ao campo moderno. Da mesma forma, o destino da produção não é local, e regional, nacional e internacional.

Assim, a modernização da agricultura culmina com um novo uso do território não apenas pelos empresários rurais, mas, também por todos os agentes envolvidos na produção e em sua circulação, podendo ser de forma direta (lojas de defensivos e equipamentos agrícolas, escritórios de representação) ou indireta (lojas de veículos, alimentação, etc.). Esse novo uso do território deixa marcas em diferentes dimensões (econômica, política, cultural e ambiental). Essas marcas, às vezes expressas na paisagem são constituintes de conflitos, alianças e dominação. Por isso, devem ser interpretadas sob a ótica do poder e, portanto, do uso do território.

#### **Referência**

- ARRUDA, Z.A.de. Onde está o agro deste negócio: transformações socioespaciais em Mato Grosso decorrentes do agronegócio. 2007. 253f. Tese (Doutorado em Geografia) -Instituto de Geociências-UNICAMP, Campinas, 2007.
- BERNARDES, J. S. As estratégias do capital no complexo da soja. In:\_\_\_\_ CASTRO, I. E. de. (Org.). Questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p.325-347.
- \_\_\_\_\_. Técnica, trabalho e espaço: as incisivas mudanças em curso no processo produtivo. In: CASTRO, I. E.; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. G. (Org). Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ FAPERJ, 1999. p. 125-150.
- \_\_\_\_\_. Dimensões da ação e novas territorialidades no cerrado brasileiro: pistas para uma análise teórica. Revista Nera, Presidente Prudente,, n. 10, p. 1-10, jan./jun., 2007.
- DEUS, J. B. O Sudeste Goiano e a desconcentração Industrial. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2003. (Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas, 12).
- ELIAS, D. Globalização e agricultura. São Paulo: EDUSP, 2003.
- \_\_\_\_\_. O agronegócio e desigualdades socioespaciais. In: ELIAS, D; PEQUENO, R. (Org.). Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006. p. 25-82.
- HAESBAERT, R Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.
- \_\_\_\_\_.Territórios alternativos. Niterói: EDUFF, São Paulo: Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da geografia regional. In: SPOSITO, E.S.(Org.) Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática. Presidente Prudente: Unesp/GasPERR, 2005.
- \_\_\_\_\_. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- \_\_\_\_\_. Des-caminho e perspectivas do território. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M.A.(Org). Territórios e desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2005. p 87-120.
- IBGE. Censos Agropecuários. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>, 2004. Acesso em: 10 dez. 2008.
- \_\_\_\_\_. Produção Municipal de Goiás, 1990/2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>, 2009. Acesso em: 15 de maio. 2009.
- \_\_\_\_\_. <http://www.ibge.gov.br>, 2009. Acesso em: 15 maio. 2009.
- \_\_\_\_\_. <http://www.ibge.gov.br/sidra@>, 2009. Acesso em: 22 maio. 2009.
- MELO, N. A. Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008, 526f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- MENDONÇA, M. R. A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do Sudeste goiano. 2004. 448 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, 2004.
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 10 ed. São Paulo: Record, 2008.
- SANTOS, M. A urbanização brasileira. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- \_\_\_\_\_. Espaço e método. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.
- \_\_\_\_\_. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- \_\_\_\_\_. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005.
- \_\_\_\_\_. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- \_\_\_\_\_. SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado. 6 ed. São Paulo: HUCITEC, 2008.
- SAQUET, M.A. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SEPLAN-GO/SEPIN. SECRETÁRIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE GOIAS. 2008. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 5 nov. 2008.
- \_\_\_\_\_. PIB goiano, 2004. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 5 nov. 2009.
- \_\_\_\_\_. Anuário estatístico de Goiás de 2008. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 5 nov. 2008.
- \_\_\_\_\_. Goiás em dados, 2009 Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 5 nov. 2009.
- \_\_\_\_\_. Perfil dos municípios goianos, 2009. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 5 nov. 2009.
- WILLIAMS, R. O campo e a cidade: na história e na literatura. Tradução de P. H. Britto. São Paulo: Cia das Letras. 1989.